

RELATO DE EXPERIÊNCIA

A EFICIÊNCIA DO MÉTODO DA PALAVRA GERADORA EM ALUNOS COM DEFICIÊNCIA EM LEITURA

Autora: Clevania Almeida Benevides Pereira

Orientadora: Ms. Márcia Pereira da Silva Franca

Professora da Educação Básica: EEF. Dom Vicente de Paulo Araújo Matos

clevaniabenevides2014@hotmail.com

Resumo: Em vista do tema alfabetização e letramento ser bastante complexo, em face de muitos métodos existentes, caracterizado pela constante transformação da educação brasileira, buscando sanar o problema do analfabetismo no país, analisaremos nesse trabalho a eficiência do método criado por Paulo Freire da palavra geradora em vinte alunos que foram contemplados com o Programa Novo Mais Educação, por se tratar de alunos que cursam o terceiro ano do Ensino Fundamental e ainda não sabem ler e nem escrever, estando em grande defasagem em relação aos seus colegas da mesma sala. Essa pesquisa realizou-se na escola Dom Vicente de Paulo Araújo Matos, na cidade de Juazeiro do Norte, Ceará. O relato de experiência aborda o método e foi praticado durante três meses nas aulas de Língua Portuguesa nos dias em que acontece o programa na escola, que é realizada por quatro horas semanais da referida disciplina, através de atividades que contemplam a metodologia que será aqui relatada. As aulas foram ministradas pela professora inscrita no programa, porém diante do planejamento e supervisão da coordenadora que é a relatora desse artigo. Procuramos nessa pesquisa contribuir para o avanço da proficiência em leitura e escrita dessa escola, que se encontra em decline em sua meta determinada pelo IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica). Não esperamos aqui, encontrar os motivos do fracasso da aprendizagem nessa instituição de ensino, mas sim buscar formas de ajudar elevar esses níveis de modo que os alunos ali matriculados possam estar aptos a praticarem a leitura e escrita, não somente decodificando letras e sílabas, mas interpretando textos, ou seja, que possam ser efetivamente letrados.

Palavras-chave: alfabetização, alfabetizador, educador, método, palavra.

INTRODUÇÃO

O processo de alfabetização é um processo lento e individual. Cada indivíduo tem seu tempo e suas condições pessoais para se conceber a aprendizagem. Tão certo quanto isso, é que o ambiente e o método alfabetizador também são de suma importância para que o aprendizado aconteça.

Basicamente existem dois métodos de alfabetizar utilizados pelos professores nas salas de alfabetização, criando polêmicas entre esses alfabetizadores, sem, até hoje, encontrar uma resposta para o método com mais ou menos eficácia. Esses métodos são: o sintético, aquele

que parte das unidades menores para o todo, ou seja, da letra para o texto; e o analítico, que começa pela parte maior como palavras e textos, para as sílabas e letras.

Por essa razão, procuramos aqui, experimentar o método analítico da palavra geradora, criado por Paulo Freire para as salas de terceiro ano do Ensino Fundamental.

Esse método, que foca na palavra que mais chama a atenção e faz parte do cotidiano do aluno, divide a palavra em sílabas e trabalha a família silábica de cada parte da palavra. É importante salientar que o significado da palavra escolhida pelo professor é de suma importância, pois é justamente nessa lógica que o método é pautado, de que fica mais compreensível quando o aluno está familiarizado com a palavra e sua sonorização. Importante também será trabalhar essa palavra dentro do contexto, através de textos.

. O objetivo foi acelerar o processo de alfabetização visto que esses estudantes encontravam-se em níveis bastante atrasados se observando a idade-série. Fazendo uma avaliação de acordo com as hipóteses alfabéticas relatadas por Emília Ferreiro, pudemos constatar que quinze desses alunos, encontravam-se ainda na hipótese alfabética, três no nível silábico alfabético e os dois ainda no pré-silábico. Os resultados dessa avaliação mostraram-se preocupantes e resolvemos intervir procurando um método que realmente combatesse essa deficiência e elevasse o nível desses alunos. Resolvemos então, aplicar o método da Palavra Geradora e observar o desenvolvimento cognitivo desses alunos para posteriormente avaliar novamente.

Procuraremos nesse trabalho relatar os passos desse experimento e dessa forma poder contribuir para que outras escolas possam também fazer suas intervenções baseadas nas experiências aqui relatadas.

METODOLOGIA

Encontram-se na escola alunos de todos os níveis de aprendizagem. Para ajudar a elevar os níveis de proficiência em leitura e escrita e também em matemática, o governo federal criou o Programa Mais Educação, programa esse onde várias escolas do nosso município foram contempladas, estendendo também a outras modalidades nas áreas de Arte/Educação, Esporte e Cultura.

A escola Dom Vicente de Paulo Araújo Matos foi contemplada e cento e vinte alunos participam do programa, divididos em dois turnos, tendo funcionamento das turmas no contra turno. Alunos do 3º ao 5º anos fazem parte do projeto, sendo apontados pelos seus professores

da sala regular.

Os estudantes escolhidos são aqueles que se encontram com o nível de aprendizagem baixo, quase todos têm grandes dificuldades em leitura, escrita e cálculo.

Daremos enfoque nesse trabalho, aos estudantes das salas de terceiro ano do ensino fundamental I. Foram escolhidos os vinte escritos do turno vespertino, que frequentam o turno matutino.

A escolha desses alunos foi feita depois de serem avaliados, através de uma avaliação diagnóstica, contemplando o método das quatro palavras e uma frase de Emília Ferreira, que consiste em escolher quatro palavras do mesmo campo semântico, em ordem decrescente de quatro até uma sílaba (leopardo, girafa, vaca, rã) e uma frase com uma das palavras escolhidas (A girafa comeu capim) . Após essa avaliação foi observado que a maioria não conhecia sequer o alfabeto, e o restante não sabia ler com fluência, conhecendo palavras até três sílabas e não complexas.

Depois de uma reunião entre os gestores da escola, a articuladora local do programa (autora desse relato) e a professora alfabetizadora, encontramos no método da Palavra geradora, do pedagogo Paulo Freire como um ponto de partida para que se pudesse encontrar uma alternativa para se oferecer um ensino capaz de contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem desses educandos de forma que pudessem ler e escrever, compreender, contextualizar e redigir textos.

Determinou-se três meses de experiência para estarmos novamente em reunião e avaliarmos o método, para seguir ou então criar novas estratégias para dar andamento ao processo de alfabetização para esses alunos, sendo feita também uma avaliação para acompanhar o nível uma vez no fim de cada mês.

Relatar-se-á aqui, todo o processo desse experimento e as conclusões tiradas depois de aplicá-lo.

O método da palavra geradora criado por Paulo Freire, foi estabelecido à princípio para salas de alfabetização de jovens e adultos.

Essa metodologia utiliza palavras do dia-a-dia do educando, de forma que ele possa compreender sua contextualização e, através da divisão dessa palavra em sílabas, os alfabetizandos são capazes de formar outras palavras atentando para o seu valor sonoro.

Observa-se, através desse método, que palavras que conectam a criança ao seu mundo real, a trazem a refletir sobre seu significado e aproximá-la de seu sistema fonético, de modo que a sonorização faça sentido e possam utilizá-la em outro campo semântico.

Essa metodologia é abrangida em três etapas, explicadas a seguir:

1ª fase: O professor busca adentrar no mundo do aluno, procurando imaginar o que faz parte da sua vida. Geralmente, uma comunidade escolar partilha de realidades semelhantes, de modo que, é possível ao educador buscar palavras que se aproximem do contexto da turma. Pensamos que seria mais rico se retirássemos essas palavras de textos, cuidadosamente escolhidos, de forma que não lhes fossem desconhecido. Esse é o momento de investigação e de aplicação do conhecimento do professor, onde ele entra com estratégias de acordo com o que ele sabe da turma.

Ex: a palavra “família”

Essa é uma palavra comum a todos, pois pode-se através dela, buscar significado dentro da realidade de cada um, de modo que os alunos possam participar e contribuir com suas próprias experiências. É importante que na escolha da palavra o professor levante o universo dela buscando riqueza das sílabas, diversificando o valor fonético. Essa palavra deverá ser apresentada dentro de um texto para que se apresentem ao aluno vários tipos de leitura.

2ª fase: Hora de dar significado à palavra escolhida. Continuaremos aqui com o exemplo sugerido, a palavra “família”, para podermos fazer uma maior explanação do método.

Busca-se, portanto, atribuir consciência sobre a palavra gerada, discutindo sobre o seu significado e partilhando de suas vivências em relação a ela. Cabe ao professor mediar as discussões, aguçar a curiosidade e expandir o tema o máximo que puder. O professor mediador poderá usar perguntas como:

- O que essa palavra significa para vocês?
- Que tipo de família pode existir diante de sua formação?
- Como é a família de vocês?
- Existe um modelo certo de família?
- Como seria pra vocês esse modelo?

Esse é o momento de discussão e construção de conhecimento.

3ª fase: divisão das palavras em sílabas, formação de sua família silábica e formação de novas palavras:

FA-MÍ-LIA

FA-FE-FI-FO-FU

MA-ME-MI-MO-MU

LA-LE-LI-LO-LU

A-E-I-O-U

EX: FAMA-LAMA-MALA- FALA- ETC...

Explorar a sonorização e a família silábica, incluindo os sons complexos quando houver. Na palavra “família” pode-se explorar os sons formados por ditongos.

Sugestão: De acordo com o nível de cada aluno, o professor poderá diversificar as atividades atendendo individualmente cada aluno, podendo acrescentar à atividade também formação de frases.

Inicialmente, houve o planejamento para se estabelecer as palavras que seriam usadas durante os três meses. Achamos por bem, escolher uma para cada semana, o que somariam doze palavras. Buscamos extrair essas palavras através de pequenos textos, valorizando a cultura local e o conhecimento dos alunos. Portanto, escolhemos textos folclóricos como cantigas de rodas, parlendas e adivinhas (EM ANEXO) a partir deles, extrairmos as palavras, propositalmente escolhidas diante do significado obtido para o grupo.

Para que pudéssemos proporcionar aos alfabetizandos uma proposta de alfabetizar letrando procuramos diversidades de textos, levando ao mundo deles não só a decodificação de letras e sílabas, mas a ampliação do universo leitor, de maneira que não possamos cair no erro de entendermos que o sujeito que passa a conhecer os códigos alfabéticos e posteriormente saber uni-los e lê-los em sílabas, palavras, frases e textos, possa estar efetivamente letrado. Podemos nesse sentido, fazermos uso do pensamento de Magna Soares ao expressar que:

Há, assim, uma diferença entre saber ler e escrever, ser alfabetizado, e viver na condição ou estado de quem sabe ler e escrever, ser letrado...Ou seja: a pessoa que aprende a ler e escrever- se torna alfabetizada- e que passa a fazer uso da leitura e da escrita, a envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita- que se torna letrada- é diferente de uma pessoa que não sabe ler e escrever- é analfabeta- ou, sabendo ler e escrever, não faz uso da leitura e da escrita- é alfabetizada, mas não letrada, não vive no estado ou condição de quem sabe ler e escrever e pratica a leitura e a escrita.(SOARES, 2009, p. 36)

Nessa linha de pensamento, buscamos extrair dos textos escolhidos, palavras de valor significado para toda a turma assistida, para que se pudesse usá-las em outros contextos e até mesmo em produções textuais, que é uma visão ambiciosa da equipe que faz parte desse projeto, a saber, coordenação do programa e a professora alfabetizadora.

As aulas de Língua Portuguesa foram ministradas duas horas por dia durante dois dias alternados, totalizando quatro horas semanais.

Textos e palavras foram mantidos diariamente nos painéis da sala, pois acreditamos na

concepção de RUSSO, 2012, quando afirma que “A sala de aula deve servir para despertar os sentidos do aluno, transformando-se em um local propício a aprendizagem” (p. 19). Preparamos o ambiente para que pudesse criar uma curiosidade cotidiana nos alunos para o mundo leitor: alfabeto afixado permanentemente, espaço para afixar novas palavras, criações dos próprios alunos e atividades do dia-a-dia. Essas são estratégias que devem fazer parte do planejamento do professor.

A rotina foi mantida durante os três meses: maio, junho e agosto, havendo interrupção do mês de julho, mês de férias. As atividades foram diversificadas, porém, manteve-se a sequência do planejamento do método da palavra geradora: texto, extração da palavra, contextualização da palavra, divisão da palavra em sílabas, formação da família silábica e formação de novas palavras através dessas sílabas.

Por existir na turma níveis diferentes na hipótese alfabética, procuramos adaptar as atividades à essa realidade. Para alguns alunos tivemos que focar no alfabeto, decodificação das letras. Outros, a atentar à formação de novas palavras e leitura das mesmas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em tempos em que o país enfrenta grande dificuldade na melhoria dos índices de alfabetismo, encontramos em nossas escolas as mesmas preocupações. Por serem unidades menores, nosso foco baseia-se nos resultados do país e do estado. O IDEB marca os resultados do país, enquanto o SPAECE (Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará) marca a proficiência leitora e matemática no Estado do Ceará. E é a partir dessas observações que procuraremos adentrar no problema da nossa escola (Dom Vicente de Paulo Araújo Matos). Juazeiro do Norte foi marcado pelo SPAECE, o município de menor índice na escala de proficiência do estado e nossa escola está entre as que não subiram e nem alcançaram a meta projetada. (FONTE: Secretaria de Educação de Juazeiro do Norte).

Após a escola ter acesso a esses índices, procurou emergencialmente metas para intervir no problema do fracasso escolar e pelo menos amenizá-lo. Esses resultados não satisfatórios, para uma escola de Ensino Fundamental I vêm através das avaliações feitas pelos alunos dos 2º e 5º anos. No caso aqui específico, os alunos do 2º ano que fizeram a prova no ano anterior (2016) e que hoje frequentam o 3º ano, e é esse público que iniciamos nosso projeto.

O primeiro desafio encontrado foi fazer a professora alfabetizadora acreditar no método. Sua primeira titularização como professora foi na modalidade Normal, nos anos oitenta. Hoje ela está no 2º período do curso de Pedagogia, mas ainda está enraizada nela as metodologias ensinadas nessa época. Ou seja, ela se intitula “tradicionalista” e acredita que a melhor forma de alfabetizar é ainda o método sintético. De acordo com a definição de FERREIRO e TEBEROSKY, 1999:

O método sintético insiste, fundamentalmente, na correspondência entre o oral e o escrito, entre o som e a grafia. Outro ponto chave para esse método é estabelecer a correspondência a partir dos elementos mínimos, num processo que consiste em ir das partes para o todo. Os elementos mínimos da escrita são as letras. Durante muito tempo se ensinou a pronunciar as letras, estabelecendo-se as regras de sonorização da escrita no seu idioma correspondente. Os métodos alfabéticos mais tradicionais abonam tal postura. (FERREIRO e TEBEROSKY, 1999 ,p.21)

Visto dessa maneira, foi um trabalho de persuasão, fazer com que a professora entenda que não existe apenas uma forma de ensinar e que ela precisava dar crédito a outras formas para que se pudessem obter resultados satisfatórios. Cuidadosamente convencida, a professora abraçou a causa e pudemos contar com o apoio dela.

Por se tratar de uma comunidade carente, existem muitos entraves com a parceria família X escola. Muitos pais não aceitam que o filho precisa de ajuda e não se dispõem a trazê-lo à escola no contra-turno.

Percebemos que as quatro horas semanais seria pouco tempo para maior explanação das aulas, uma vez que, num dia, que dispomos de duas horas, é trabalhado a contextualização e a repartição da palavra em sílabas, seguido da formação de novas palavras, e em outro dia, trabalhamos as sílabas complexas e formação de frases das palavras geradas.

Procurou-se avaliar as crianças no início, no fim de junho e no fim do mês de agosto, onde tiramos nossas conclusões relatadas no tópico a seguir.

CONCLUSÃO

No decorrer desse projeto foi muito importante a avaliação diagnóstica feita ao se começar o planejamento das aulas. Essa conduta nos proporcionou, de acordo com a tese da psicogênese da língua escrita (FERREIRO e TEBEROSKY, 1999) entender o nível do processo de alfabetização que se encontrava cada aluno inscrito no programa.

Pode-se perceber também, que a concepção de aprendizagem tida entre os professores estava equivocada e que não existem alunos nulos, existem diferentes níveis de aprendizagem. Emília Ferreiro, nesse ponto de vista, defende que:

Temos uma imagem empobrecida da criança que aprende: a reduzimos a um par de olhos, um par de ouvidos, uma mão que pega um instrumento para marcar a um aparelho fonador que emite sons. Atrás disso há um sujeito cognoscente, alguém que pensa, que constrói interpretações, que age sobre o real para fazê-lo seu. (FERREIRO, 2011, p. 41)

Dos vinte alunos inscritos, onde quinze se encontravam na hipótese alfabética, constatamos que nove tiveram avanços significativos. Passando dessa fase para o intermediário II. Esses percebem que a escrita representa o som da fala e, apesar de se confundirem ainda, conseguem escrever palavras dissílabas e trissílabas com sons simples e até mesmo produzir pequenas frases, também sem nenhuma sílaba complexa.

Os outros seis, observamos que progrediram, mas sem muito avanço, confundindo muitas vezes os sons das letras e escrevendo ora só com vogais, ora só com consoantes, apesar de ter momentos em que conseguem escrever palavras com duas sílabas atribuindo corretamente o valor sonoro e acertando a grafia.

Sem dúvidas, os três que se encontravam no silábico alfabético tiveram avanços consideráveis, sendo que um deles conseguiu mudar de nível. Consegue escrever palavras com sílabas complexas como o CH, GE, GI, CE, CI. Os outros dois permaneceram no nível alfabético, mas com progressão perceptível.

Infelizmente não foi possível os dois alunos que estavam na hipótese pré-silábica obter avanço. Observamos que são alunos fora de faixa-etária para a série, sendo repetentes do 3º ano. Após uma análise, encaminhamos os mesmos para uma avaliação na sala de AEE, mediante um relatório feito pela professora alfabetizadora do Programa Novo Mais Educação, das professoras regentes de sala dos alunos e da articuladora do programa, por entendermos que se trata de problemas que fogem à nossa capacidade de solucioná-los.

É perceptível que o método funciona. Houve avanços nos alfabetizandos, e isso comprova que existe eficácia no método. Porém, como relatados no tópico anterior, contamos com alguns obstáculos não calculados ao iniciar o projeto. Além da pouca frequência dos alunos, desinteresse dos pais, nós, professores, temos a infeliz idéia de que o método de alfabetização é o “santo milagroso” que vai fazer com que as crianças sejam alfabetizadas e letradas como num passe de mágica. FERREIRO, 2011 contribui para desfazer esse equívoco, afirmando que:

É preciso mudar os pontos por onde nós fazemos passar o eixo central das nossas discussões. Temos uma imagem empobrecida da língua escrita: é preciso reintroduzir, quando consideramos a alfabetização, a escrita como sistema de representação da linguagem. (p.41)

Concluimos, portanto, que o método é de grande valia para uma proposta de alfabetizar letrando, visto que a palavra contextualizada, trazida e vivenciada no dia a dia do aluno o torna autor desse processo, o que o estimula a ser participante ativo da sua alfabetização. Pudemos perceber que através dessa metodologia, ligado á uma prática lúdica, é possível alfabetizar em menos de um ano.

Reiteramos a crítica feita por Paulo Freire sobre o uso da cartilha, percebemos que a escola não pode mais gerar analfabetos funcionais, e que esse método é justamente uma resposta para esse tipo de ensino, aquele onde o aluno aprende de forma mecânica e sem estar ciente do que está aprendendo, para que e onde vai chegar com esse conhecimento. Alfabetização e letramento precisam caminhar lado a lado, de forma que possibilite nossos alfabetizandos atingir o principal objetivo do letramento: ler, interpretar e escrever.

ANEXO

TEXTO	PALAVRA GERADORA
Atirei o pau no gato	Gato
Sapo Cururu	Sapo
Boca de forno	boca
São João	acorda
O cravo brigou com a rosa	ferido
Hoje é domingo	valente
Um, dois, feijão com arroz	feijão
Peixe vivo	companhia
Escravos de Jó	guerreiros
Lenda: Saci-Pererê	brincalhão
Marcha-soldado	Quartel
A galinha do vizinha	galinha

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Programa Novo Mais Educação. Disponível em : <http://portal.mec.gov.br/programa-mais-educacao>. Acesso em 28 de agosto de 2017.

FERREIRO, Emília. Reflexões sobre alfabetização. Coleção questões da nossa época. Vol.

26. São Paulo. Cortez Editora, 2011.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre. Artmed, 1999.

RUSSO, Maria de Fátima. **Alfabetização: um processo em construção**. 6ª edição. São Paulo. Saraiva, 2012.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.